

## A PALAVRA QUE VEM DA PRISÃO

Tatiana Guedes  
PPGAS/ UnB

Difícilmente encontramos descrições sobre a realidade dos cárceres (principalmente os masculinos) que não sejam preconceituosas, discriminatórias e com um olhar “legalista”. Existem, geralmente, artigos de jornais, programas de televisão, textos acadêmicos que ajudam a perpetuar e reforçar a idéia pré-concebida que a sociedade possui sobre os presídios e principalmente sobre as pessoas que estão presas. Isto é, a maioria da literatura sobre presídios que chega ao nosso alcance, não trata o assunto de maneira mais analítica e cuidadosa. São descrições que revelam um olhar julgador de grande parcela da sociedade sobre um lugar que não conhecemos, um lugar estranho ao nosso cotidiano que, ironicamente, é tão próximo e explica tanto o mesmo.

Das lembranças que ainda possuo acerca da primeira sensação que tive no momento que entrei pela primeira vez na Papuda<sup>1</sup>, ficou a de medo. Tive muito medo ao entrar na Papuda. A cada passo que dava, um portão imponente fechava-se às minhas costas. Desejava definitivamente não estar lá. Tive medo do que poderia encontrar dali a alguns instantes. O fato é que não dava mais para voltar e fui obrigada a encarar todos os fantasmas da minha imaginação criados durante um longo período em frente aos telejornais e filmes *hollywoodianos* que insistem em alertar-nos neuroticamente sobre uma ameaça que nos abaterá a qualquer momento.

Nesses três anos de experiência de campo na Papuda e na Colméia (presídio feminino), ingressei em um novo mundo que me ensinou e provocou-me o efeito transformador da etnografia, quando a experiência de campo traz ao pesquisador um novo vocabulário, faze-o relativizar e desnaturalizar seu mundo social e finalmente, o torna mais tolerante (pelo menos

---

<sup>1</sup> Nome informal do CIR (centro de internação e reabilitação), presídio masculino do Distrito Federal.

assim se espera). Entrei na Papuda através da “oficina de rap”, uma das quais compunha o projeto Fala Interno<sup>2</sup>, o que foi interessante, porque também o rap, como estilo musical, é estigmatizado por esta sociedade detentora dos meios artísticos, dos meios de comunicação, isto é, monopolizadora de tudo aquilo que evoca poder simbólico.

Então, naquele princípio de trabalho, deparava-me com “dois mundos”, o da cadeia e o do rap, que estão contidos no que podemos chamar aqui de “lugar dos outros discursos”, discursos que destoam da palavra legítima e poderosa (poderosa porque imputada em nosso imaginário através das massivas propagandas ideológicas e endereçadas como dos aparelhos institucionais) que tenta calar em um movimento constante e frenético todo tipo de fala que se levanta contra sua gramática. Por isso nomeei esse trabalho de “A palavra que vem da prisão”, na tentativa de trazer à tona um pouco das letras desses sujeitos encarcerados.

Estou convicta de que as pessoas que tive a oportunidade de conhecer na Papuda e na Colméia não poderiam como indivíduos isolados representar uma verdadeira ameaça à sociedade, mas sim como sujeitos da massa, representam um grande perigo, pois reivindicam o direito da fala, o direito à justiça, o direito ao poderio econômico, o que desmascararia muitos ao revelar a impossibilidade do sistema em satisfazer a todos.

Ao contrário do que o Estado da “não tolerância” gosta de proclamar, é impossível perceber a amplitude da questão da violência e do cotidiano urbano sem termos uma perspectiva sociológica na qual todos os atores estão envolvidos. Prender indivíduos isolados, sem discutir sobre uma ressocialização da própria sociedade e suas falências é praticamente ser co-autor das violências perpetradas diariamente. Não permitir a fala também. É compartilhar a idéia de que

---

<sup>2</sup> Projeto realizado na Papuda em 1999, coordenado pela professora Rita Segato do departamento de antropologia da Universidade de Brasília.

somente os “escolhidos” podem escrever, criar, expor em museus, somente os “escolhidos” são artistas. Não é isso: “muitos são chamados e poucos os escolhidos?”.

Os presídios são lugares ricos de pessoas que têm muito a falar sobre a sociedade e suas biografias e são silenciadas por um Estado impotente social e economicamente e por uma sociedade civil que tem acesso aos meios de comunicação, aos espaços das definições políticas, as produções artísticas, ou seja, a todo alcance de poder de reverberação da fala. De outras funções do presídio, uma das primordiais é, então, a manutenção da autoridade e da ordem do Estado; a manutenção, na realidade, da palavra legítima, como por exemplo, a escola como instrumento do Estado também o faz.

Prende-se não só aqueles que perpetram a violência física, como também aqueles que representam um mínimo de ameaça a essa autoridade, assim fazendo repercutir o medo sobre todos e nós sabemos que não é sobre todos, porque a elite em geral não tem esse medo de estar em uma prisão. De certa forma ela sabe que dificilmente será presa. Retorna-se, então, à questão central quando abordamos algum tema relacionado à população carcerária (não só os presos, mas todo grupo que possui algum laço afetivo com eles) que é a do poder e autoridade. No presente trabalho, o discurso de rap dentro da prisão é o foco da análise como meio de discutir alguns pontos importantes acerca do discurso legítimo e outros discursos.

Uma análise das letras de rap desses presos com os quais dialoguei pode nos mostrar outros olhares sobre essa realidade de prisão como também sobre a sociedade em que vivemos. Muitas vezes concordamos com as punições que estão sendo imputadas contra esses sujeitos porque continuamos a dividir o mundo entre o “nós” e os “outros”, “nós” e “eles”. Ainda não desejamos que esse outro participe. Assim, enquanto esse “outro” não participa não seremos capazes de nos metamorfosear e sermos solidários com sua causa.

Nossas “ambições colonialistas” se deleitam na comodidade em caminharmos nos espaços dos outros, em falarmos sobre os outros em nossos textos. Entretanto, “esses outros” nunca podem caminhar em nossos territórios, dar opiniões sobre nossos “textos” ou falar por si próprios. Até falam, mas não possuem o acesso necessário a uma ressonância proeminente que produza um mundo mais diverso.

Por esse motivo, penso ser de muita importância a atenção nesses raps, primeiro porque o próprio rap como estilo de música instaura-se no protesto e possui a característica de não pretender alcançar o discurso legítimo do dominador; os *rappers* não se submetem, num esforço desesperado, alcançar a correção, como Bourdieu (1996) aponta. Ao contrário, em suas letras brincam e ironizam o discurso e as palavras pejorativas que a elite produz para se reportar à população desprovida de recursos. Não pretendem nem mesmo utilizar as regras gramaticais. Podemos observar essa técnica na letra do rapper paulista Thaíde.

*Me atire uma pedra que eu te atiro uma granada. (...) Meu nome é Thaíde e não tenho RG, não tenho CIC. Perdi a profissional. Nasci numa favela de parto natural(...) Fugi da escola com 10 anos de idade. A ruas da cidade foram minha educação. A minha lei sempre foi a lei do cão. Não me arrependo de nada que eu fiz. Saber que eu vou pro céu não me deixa feliz.  
(Corpo Fechado – Marcos Telésforo e Thaíde)*

Também na letra de José Carlos, rapper da Papuda.

*Aos 8 anos de idade tudo começou. De lá pra cá, cara, nunca mais parou. Se liga aí e veja meu irmão na idéia que eu vou dar da realidade então. As ruas da cidade foram a minha escola, minha educação, joguei ela fora. Às vezes me arrependo de algo que eu fiz, mas pode acreditar, véi, eu sou feliz.  
(Vida Pgressa - José Carlos Araújo da Rocha)*

“Dominar a linguagem dos brancos e reproduzi-la é deixar-se dominar pelas definições e interesses de classe. A inversão e a ironia como também a adoção do estilo agressivo tornou-se

um mecanismo de defesa que viabiliza a luta contra a violência lingüística e psicológica dominante” (Shusterman, pp. 165).

O rap (como o movimento hip hop também) destaca-se, então, pela tentativa de reverter a violência psicológica exercida durante décadas por uma elite que tenta criar constantemente pejorativos de forma a estigmatizar uma população desfavorecida e negra. Os integrantes e fãs de rap são perseguidos nas metrópoles por possuírem os atributos considerados “marginais” pela polícia e pela classe média e alta. Andam com calças largas, correntes penduradas, cabelos grandes (os famosos *blackpower*), ou seja, martirizam os olhares mais brancos que tentaram a todo custo empacotar a pobreza e a negritude no mais alto estilo escravocrata – cabeça raspada e bico calado.

Porque o rap já incomoda a elite no espaço urbano, que tenta de todas formas retirar-lo dos palcos (porque também os shows de rap são perseguidos), quem dirá um rap proveniente de uma penitenciária, seria ainda mais petulante e ameaçador, inconcebível. Presos protestando e através de sua música conseguindo persuadir pessoas a concordarem com suas reivindicações, conseguindo ser ouvidos, é completamente inadmissível em uma cadeia que possui um objetivo oposto, de encarcerar, calar todo tipo de voz contrária à sociedade legítima.

Na tentativa de olhar um pouco para esse outro discurso, observaremos a letra de rap de Adailton, preso na Papuda há algum tempo quando o conheci. Sua música é bastante significativa para representar as outras que também pude ler, pois aborda várias questões que as outras também abordam, principalmente a da “bala perdida”, que é presente em muitas letras desses sujeitos da Papuda. A bala perdida é metáfora inesgotável. Não pretendo de forma alguma esgota-la aqui, a análise que faço é apenas para pontuar algumas questões pertinentes de maneira que comecemos a ter um olhar mais humano. Também não pretendo afirmar que esse outro está totalmente em meu texto, quiçá sou eu tentando resgatar um pouco desse “estranho”.

*Meu raciocínio já não é o mesmo, mano, não, não é o mesmo. São palavras retorcidas, esquecidas no tempo. Meu pensamento está confuso, contudo, queremos prosseguir, reencontrar a saída, o futuro, a vida. Não vê. Meu corpo cai como uma bala perdida. O que foi feito pra mim. Não quero ser a mira muito menos o alvo. Jogar ou ser jogado? Você escolhe o ditado, ser carregado, enterrado, humilhado, espancado. Uma trilha a seguir. Não ser apenas um fato como se fosse normal seu próprio sangue no chão (...) Outra história acabou, são conseqüências reais que você não vê ou se faz de desentendido para não correr perigo. Se com suas próprias mãos criou tudo, isso nos fez crescer revoltados, injuriados com os preconceitos que nossos pais sentiram, herdamos tudo isso, para vocês, somos lixos.*

*(...)*

*Nos deixem em paz. Sigam seu caminho. Desde lado do muro é muito fácil entender. Querem te ver na cadeia, numa cadeira de rodas, assassinado, enterrado, um negro sem história.*

*(...)*

*No mundo da ilusão vou prosseguindo, com vida queria seu perdão. Não ser mais um suicida, como muitos irmãos tiram a própria vida. Quero seguir meu caminho num destino real. (...) No inferno sobrevivo mano, e tudo o que não quero, a discriminação, o racismo. Então, sou presidiário, quase não tenho razão, mas acredito irmão, pode dar transformação, vamos viver em paz, a igualdade, se não a destruição cairá sobre nós. Então, ouça, escute, fique atento à nossa voz. Experiência na pele escura de um sentenciado, um passado obscuro, vários anos trancado. A violência em sua infância foi de fato um passaporte carimbado rumo ao pesadelo. Que desespero, vantagem, não vejo. Como poderia ver sofrer, sofrer, sofrer, na maioria das vezes você não tem tempo de se arrepender. Ta ligado mano, raciocine porque meu raciocínio já não é o mesmo.*

*(Meu Raciocínio – Adailton Almeida)*

A letra acima, como a maioria das composições de rap, estabelece um diálogo entre atores sociais divergentes. Em um primeiro momento, o rapper Adailton chama seu “mano”, um igual, para que possam refletir juntos e responder a um “outro” que os interpela. Utiliza o verbo no plural “queremos prosseguir”, estipulando um “nós”. Compreendo esse diálogo como evidência da separação social entre o “nós” e o “eles”, uma sociedade brasileira com a presença marcante da segregação social e racial.

Vale observar que nas canções de rap, os fãs sempre são encorajados a identificar-se com o “nós” em oposição ao “vocês” que, no contexto brasileiro, seriam os *playboys*, “mauricinhos” e “patricinhas”, a mídia, isto é, tudo aquilo que representa para a juventude das periferias um grupo de poder que os oprime ou reforça a exclusão social e racial baseada nas estereotipias.

Num segundo momento da letra, Adailton afirma: “são conseqüências reais que você não vê”, “para vocês somos lixo”. Empossando-se de agência, de legitimidade para falar da realidade, Adailton coloca-se como autor, não mais um “presidiário” que deixa os outros falarem por ele. Não. Agora é ele quem fala a essa sociedade sobre sua realidade.

Já num terceiro momento (e penso o mais importante), questiona esse outro, “esse você” que já bem antes o havia descrito e o inventado. Essa sociedade que o rotula, que o naturaliza como fez com os índios, mulheres, negros, “orientais”, não o reconhecendo como sujeito. Agora com a ajuda estilística e política do rap, esse rapper retorna perguntas a essa sociedade: “Não vê? Meu corpo cai como uma bala perdida”, “jogar ou ser jogado?”. E finalmente conclui, referindo-se à responsabilidade e à omissão dessa sociedade em relação à violência, a miséria, a discriminação: “São conseqüências reais que você não vê, não entende, ou se faz de desentendido para não correr perigo”.

A sua condição e posição dentro da sociedade como também as relações de poder que a ela estão implicadas é consciente. Comparando seu corpo caído a uma bala perdida, Adailton remete-nos a idéia da manipulação do poder sobre os indivíduos, que acabam, em meio ao “jogo da culpa” da violência, sendo responsabilizados individualmente e, na verdade, não passam de “bonecos” de uma estrutura ideológica poderosa.

Podemos analisar a bala perdida como um corpo concreto que é arremessado por alguém desconhecido, um ser sem face, mas que, ao mesmo tempo, tem poder para atirar,

manipular essa bala. Ele afirma que não quer ser a mira, não quer ser a lente através da qual “esse poder” mira e atinge alguém. Sendo ele a mira, fica conveniente responsabilizá-lo individualmente pela violência social, afinal, a bala perdida atinge, mas o responsável por jogá-la não tem face. E geralmente as explicações sobre as causas da violência são muito ingênuas, atribuídas aos indivíduos marginalizados de forma naturalizadora. São esses chamados de psicopatas, “matam porque são bárbaros”.

Entretanto, observa-se aqui, na letra desse rapper encarcerado, a lucidez e consciência acerca de uma elite que possui poder ideológico e endereçado a uma classe social excluída, fazendo perpetuar a desigualdade e a falta de acesso ao domínio público.

Mais para o final ele diz: “outra história acabou. são consequências reais que você não vê ou se faz de desentendido para não correr perigo”, fazendo referência as várias vidas que são tiradas, biografias silenciadas, assassinadas (porque a periferia – representada pelas favelas, presídios - está sendo exterminada pela violência que já se instaurou nesses lugares há muito tempo), com o consentimento de todos, pois é fato que presenciamos isso, somos informados do que está acontecendo, sabemos o que fazer e não fazemos. Por que? Fazer reverberar uma resistência é questionar esse estado penal, é questionar a pobreza, é detectar nossa impotência em desativar a estrutura hierárquica e o sistema que inverteu os valores, coisificando pessoas e humanizando mercadorias<sup>3</sup>, é questionar os privilégios.

Além dos questionamentos sociais que estão presentes em todos esses raps, existem referências e mais referências ao preconceito racial. Levando em consideração que falar de racismo no Brasil não é uma das tarefas mais fáceis, sinto-me instigada ao perceber que em todas as suas letras, os presidiários falam sobre a discriminação racial.

---

<sup>3</sup> Referência à Karl Marx, “O capital”.



Para finalizar, gostaria apenas de frisar a importância de uma reflexão compromissada e séria sobre a violência, a qual poucos estão fazendo e não só da violência em si, mas do monopólio de poder e acesso político-cultural que talvez gere essa violência. Porque percebemos aqui, em poucos textos provenientes de um presídio a presença de críticas e propostas para uma tentativa mais pacifista de convivência. Os presidiários já estão também pensando sobre o conflito social brasileiro vigente. Será que não se faz necessário hoje escuta-los um pouco? Poderia ser viável pensar em uma sociedade mais englobadora de todas as vozes porque assim seria mais plural. Escolhe-se sempre a radicalidade negativa, da opressão, da “tolerância zero”, alguém já parou para pensar na expressão “tolerância zero”. Pode ser ingenuidade, mas me atrevo a pensar em uma radicalidade positiva, que muitos chamam de utopia: um mundo diverso, multifônico, no qual seremos um “Nós”.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BAUMAN, Zygmunt. Tempo e Classe, em *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. A produção e a reprodução da língua legítima, em *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Trad. de Sérgio Miceli et al. São Paulo: Edusp, 1996.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Trad. de Raquel Ramalhte. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HARVEY, David. Pós-modernismo, em *A condição pós-moderna*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Rio de Janeiro: editora Ática, 1983.
- RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo Social*, São Paulo, p. 189-195, maio de 1999.
- SHUSTERMAN, Richard. A arte do rap, em *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. Trad. de Gisela Domschke. São Paulo: Editora 34, 1998.
- WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.